

Do Terrorismo Transnacional ao Choque de Valores

Nuno Lemos Pires*

Coronel de Infantaria/Operações Especiais, Doutorado em História, Defesa e Relações Internacionais pelo Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL, é atualmente o Comandante do Corpo de Alunos e Professor na Academia Militar. Esteve mais de 5 anos em serviço na NATO e participou em diversas missões internacionais, entre as quais se destacam: Moçambique, Angola, Paquistão e Afeganistão. Tem oito obras publicadas e é autor de mais de 100 capítulos ou artigos em várias publicações, em língua portuguesa, inglesa e espanhola.

Resumo

A força das ideologias e religiões é muito mais forte quando o quadro de referência onde se vive se deteriora e não representa quem o habita. Tem de se encontrar, por isso, formas muito concretas de contra-argumentar sobre as ideologias que alimentam o terrorismo e, simultaneamente, entender os principais fatores que afetam os sistemas de valores em que muitos se deixaram de rever. O que não podemos mais fazer é, deliberadamente, ignorar que há um fortíssimo choque de valores, que existem *hodiernos Cavaleiros do Apocalipse* que transportam e arrastam novas dimensões da desagregação, e que esta importantíssima dimensão, a dos valores, se constitui numa base cada vez mais premente e estruturada, a partir de onde se alimentam muitos dos inúmeros grupos terroristas.

Abstract

From Transnational Terrorism to the Clash of Values

The impact of ideologies and religions is much stronger when the surrounding environment suffers from deterioration and does not represent those who inhabit it. In such case, it becomes necessary to find very concrete ways to counter-argument the structured ideologies that feed terrorists everywhere and, at the same time, to understand the main factors affecting the systems of values which many have ceased to identify with. What cannot be done anymore is to ignore, deliberately, that there is a very deep clash of values, that there are new and modern 'Horsemen of the Apocalypse' who cultivate new dimensions of chaos and disaggregation and that the very important dimension of values has become an ever more urgent and structured ground, which feeds many of the countless existing terrorists groups.

* Agradeço ao Coronel Tirocinado de Infantaria João Pedro Boga Ribeiro as excelentes sugestões.

Terrorismo pode ser apenas uma tática, uma técnica, ou, de forma mais estruturada, uma escolha estratégica, alimentada por uma determinada ideologia ou religião, para atingir determinado fim. Terrorismo não existe de forma isolada e, provavelmente, o adjetivo de terrorista a determinado grupo ou pessoa, é um atributo bastante complicado de escolher e, conforme os contextos, profundamente divergente. Classificar um ato, um grupo, uma pessoa, mesmo um Estado ou uma entidade supranacional, como terrorista, depende do contexto, de quem classifica, de quem interpreta e da época histórica – os “terroristas” de uns podem ser os “combatentes da liberdade” para outros. Sobre definições e interpretações sobre o que é ou não o terrorismo, já tivemos oportunidade de publicar várias vezes sobre o mesmo, pelo que não nos queríamos repetir¹. No entanto, as reflexões e os inúmeros debates em que temos participado, em especial, nos últimos dois anos, levaram ao reforçar da importância que têm as motivações e os variados sistemas de valores que justificam as causas que perseguem alguns dos grupos. O que é relevante não é a tentativa de classificar grupos, pessoas, atos ou entidades como terroristas, mas sim, conseguir determinar as motivações valorativas antes das ambições políticas que perseguem.

Hoje, talvez mais do que em décadas passadas, temos de fugir das simplificações explicativas assentes, apenas, em racionais geopolíticos, em jogos de interesses entre os principais atores do sistema internacional ou em simples análises sociológicas sobre ambições de poder. Esta análise não chega e pode até ser contraproducente. O percurso de alguns movimentos, que normalmente classificamos de terroristas, pode ter raízes muito profundas ou mesmo muito antigas, que o contexto exponencia, positiva ou negativamente, que nos deve obrigar a uma reflexão sobre a origem da crença humana em sistemas de valores, em códigos de conduta social, em suma, em traços de união civilizacional.

O terrorismo, como é comumente (empiricamente) entendido, tem atualmente uma dimensão enorme porque os fatores que o potenciam são, exageradamente, facilitadores da sua utilização. Na origem da explosão recente do fenómeno, que não se traduz em número de vítimas nem em quantidade de ataques, mas antes, na percepção do mesmo pela instabilidade que causa, está uma soma de vários fatores que são os que mais nos interessam refletir. Por outro lado, embora o fenómeno do terrorismo seja tão antigo como a própria história, temos hoje uma realidade estratégica que é verdadeiramente nova: o número de pessoas no planeta, as alterações climáticas e o choque de valores entre as várias regiões no mundo potenciam um acelerar de causas e efeitos numa escala nunca antes antecipada.

Vamos assim tentar abordar a problemática do terrorismo numa leitura de três passos, que correspondem a três dimensões diferentes de análise: primeiro entender os

1 Deixamos na bibliografia as referências.

elementos base, ou seja, os potenciadores ou fatores disruptivos, que permitem a exponenciação do fenômeno; em segundo lugar tentar encontrar um padrão que permita encontrar as grandes causas que podem estar na base das escolhas por técnicas terroristas por parte de cidadãos, grupos, organizações ou mesmo, Estados; por último, em terceiro lugar, identificando e analisando apenas alguns destes grupos, concentrando o estudo sobre os objetivos que perseguem, tentando apurar se é a dimensão do poder, da política, da geopolítica ou da estruturação de uma base valorativa, o que pesa mais na ação de cada.

O fenômeno do terrorismo é antigo e permanente mas, a dimensão que o mesmo poderá atingir nas próximas décadas, poderá adquirir uma dimensão de caráter global, com efeitos de alcance muito maior do que no passado e assente em pressupostos diferentes do que estamos habituados a classificar. As soluções do passado simplesmente não têm aplicação nesta dimensão do futuro mas, da mesma forma que o fenômeno apresenta contornos e dimensões novas, também as respostas são possíveis, desde que também sejam novas, para poderem ser exequíveis e adaptáveis. Vamos aprofundar.

Os Fatores Potenciadores e Disruptivos

Há inúmeras ilações que aprendemos com uma leitura atenta da história, como sempre fizemos e teremos de continuar a fazer, que são essenciais para entender o fenômeno do terrorismo. Mas também existem novas dimensões que são, verdadeiramente, uma variável nova e ainda não medida(s) na sua plenitude. É uma dimensão, ou melhor, são grandes dimensões, e das que mais nos devem preocupar, porque são a essência do problema, são a verdadeira base e origem exponenciadora dos fenômenos que propiciam, e que deve orientar uma completa busca de soluções. O terrorismo não deve, mas apenas pode, ser também encarado na análise do seu alcance e força, como consequência, ou simples manifestação, desta gigantesca dimensão. Os fatores disruptivos e potenciadores são a principal razão, a principal causa e a dimensão mais difícil de solucionar, e que justifica o alcance, os números e as ações tão alargadas que simples causas e ambições não explicam.

Por uma questão de espaço de escrita não iremos aprofundar muito este tema² mas elencamos (aglutinamos) os principais fatores, utilizando para o efeito uma imagem simplificadora, que pensamos, ilustra de forma gráfica o que se deseja, através de uns novos quatro Cavaleiros (*hodiernos*) do Apocalipse³:

O primeiro Cavaleiro simboliza a dispersão e a decadência do poder, arrasta consigo o sentimento de caos e de anarquia que modernamente, neste mundo de fron-

2 Ver Pires (2016c).

3 Os originais Cavaleiros do Apocalipse, tal como vem no Livro da Revelação (ou do Apocalipse), são a Peste, a Guerra, a Fome e a Morte.

teiras porosas, de limites sem existência, assenta em relações que se transitam no hiperespaço, nos domínios cibernéticos e em sistemas muito complexos e globais. Um Cavaleiro que galopa em grande velocidade, sobre nascimentos e desaparecimentos bruscos de empresas, de organizações, de partidos e de movimentos, em mudanças gigantes de capital, de recursos e de sedes de poder, que ocorrem por vezes em poucos dias, horas ou mesmo minutos. Arrasta consigo rotações de pessoas, de grupos, de polos regionais e mesmo, de lideranças sem nome, sem rosto, impessoais mas com poder sobre milhões de pessoas, que nos fazem temer sobre a coerência e convergência das tomadas de decisão fundamentais sobre um futuro global que necessita de grande reflexão e análise. É o Cavaleiro da vertigem e da volatilidade, do improvisado sobre a reflexão, da velocidade sem rumo, em suma, é o “Cavaleiro do Caos”.

O segundo Cavaleiro corre sobre o descontrolo a que levámos o planeta que partilhamos. Simboliza as inevitáveis e crescentes ameaças climatéricas e ambientais somadas a um fortíssimo desequilíbrio demográfico que, num brevíssimo espaço de tempo, nos levou de uma população de cerca de 1,6 mil milhões de habitantes do princípio do século XX para uns previsíveis 9 mil milhões em 2050. É a montada que abre fendas de um planeta, elevando a temperatura ambiente e o nível das águas do mar, tornando maiores, mais prolongadas e com menores intervalos, períodos de secas terríveis que, entre outras consequências, afetam o acesso a, cada vez, menos água potável e, em geral, à água doce fundamental para a vida. É um Cavaleiro que nos surge entre nuvens e fumos de mais poluição e efeitos climáticos extremos como ciclones, cheias e incêndios descontrolados, que tudo destrói na sua passagem levando à forte diminuição do cultivo de alimentos, do pastorício de animais e, em suma, que simboliza a redução drástica, para muitos e em extensas regiões do planeta, da quantidade disponível de água e de alimentos. É o Cavaleiro que empurra uma população cada vez maior, que os encurrala em urbes cada vez maiores e mais perto da costa oceânica e que, agravando o efeito do número, também sabendo que se consome cada vez mais, em média, por habitante – por outro lado, uma boa notícia, que traduz o acesso de milhões de pessoas a mais recursos –, este efeito terá ainda resultados muito piores. Persegue centenas de milhões de pessoas, em todo o mundo, forçando-as a sair as regiões em habitam na demanda de áreas mais férteis, com mais alimentos e condições de vida. A tradução da ação deste Cavaleiro manifesta-se nos números dos refugiados do clima, que pela primeira vez na história, ultrapassaram os milhões dos refugiados da guerra. Naturalmente que fugindo de áreas sem condições vão sobrelotar outras onde as populações, também em crescimento exponencial, se juntam e competem pelos mesmos e mais escassos recursos, propiciando um ambiente que pode levar a um aumento de Estados fragilizados e de guerras civis. Este é o “Cavaleiro das Tormentas”.

O terceiro Cavaleiro é o símbolo da desunião, capitaliza a impotência generalizada da humanidade em encontrar soluções globais para problemas gerais. Na ausência de um poder global sobre o planeta falta a centralização e a aplicação de soluções políticas coordenadas, acertadas e efetivas que resolvam as graves crises mundiais. Cavalgando perto e alinhado com o primeiro Cavaleiro, ou seja, ciente da dispersão e decadência do poder, este simboliza a desunião crescente entre os inúmeros povos do planeta, a incapacidade de tomar decisões com efeitos a médio e longo prazo. Alimenta-se da desconfiança e das arrogâncias entre os que se julgam no poder de saber o que é melhor para a governação de outros, sem olhar à história, à realidade geopolítica, às tradições culturais de cada povo e região. É o “Cavaleiro da Anarquia” e do Paradoxo, o de um mundo sem fiscal e sem garante na aplicação de intenções anunciadas.

O quarto, e último, Cavaleiro representa a injustiça entre seres humanos, simboliza as gravíssimas desigualdades e gigantescos desequilíbrios em que vivemos. Mostra a enorme iniquidade de uma humanidade em que 62 pessoas têm tanta riqueza acumulada como a metade mais pobre do planeta, ou seja, de cerca de 3,6 mil milhões de pessoas. Indica que há uma minoria de habitantes que moram onde abundam recursos e que há milhares de milhões a viver em zonas onde tudo falta. Representa a equação “diabólica” entre a constatação simples de que há gente a mais onde há recursos a menos e gente a menos onde há recursos em excesso sendo, que a tendência é o de um crescimento gradual de mais pessoas nas zonas carenciadas e de um diminuir progressivo dos nascimentos nas zonas mais desenvolvidas. Simboliza a diferença e o desequilíbrio, onde sem encontro, sem equilíbrio, o que não for encontrado voluntariamente e por acordo, poderá evoluir para um choque inevitável. É o “Cavaleiro da Desigualdade”, representa a incapacidade de uma melhor distribuição de recursos e meios entre todos, dentro de todos, e com todos. São brevemente, estes quatro Cavaleiros, o problema principal da humanidade. Sobre eles deverá recair a grande atenção, tudo o que se seguirá são simples manifestações e resultados da ação destas gravíssimas, e sem precedentes, alterações da vida partilhada no planeta. A ação conjugada destes fatores, eivada de intencionalidade consciente ou não, pode gerar um nível de instabilidade que, por sua vez, pode exceder a capacidade de absorção/contenção/resolução de problemas⁴. Nunca haverá políticas nem estratégias eficazes, que tenham sucesso contra o fenómeno do terrorismo se, à partida, ignorarem a gigantesca dimensão dos fatores que o potenciam, alimentam e agravam. Conscientes destes fatores, passemos então à análise do patamar (dimensão) seguinte.

4 Dá-se a infeliz coincidência de que, quando se começa a criar esta perceção é justamente quando o sistema não consegue gerar lideranças capazes de contribuir para a diminuição dos seus efeitos – União Europeia, EUA, Rússia, Brasil, etc.

Causas, Ideologias, Motivações e Religiões

A sistematização e a crescente racionalização sobre os fenómenos sociais e políticos levaram a um entendimento matricial sobre as opções dos vários grupos. Leituras realistas ou liberais, neorealistas ou construtivistas, assentes nas teorias das Relações Internacionais, interpretações economicistas sobre a ambição pelo dinheiro e do poder financeiro, essencialmente efetuadas pelas visões dos *gurus* da gestão, racionalizações a partir dos interesses e ajustamentos sociais, entre as inúmeras escolas da sociologia, para além de muitas outras aproximações académicas, levaram a um crescer de certezas sobre denominadores de entendimento cultural e sobre a sociedade em que vivemos. É difícil sair fora destas matrizes de análise, corroboradas pelos quadros sociais em que crescemos e nos desenvolvemos. Por mais que tentemos racionalizar comportamentos e referências, simplesmente não é verdade, para centenas de milhões de pessoas que, por exemplo, Estado e Religião tenham de estar separados, como também não é absoluto que a democracia seja um sistema único e universal, adaptável a qualquer sociedade.

Voltando à essência da forma de como nos organizamos, deveremos entender que os seres humanos buscam, desde sempre, segurança e bem-estar. Mas nem todos querem, ou desejam ou, fundamentalmente, se podem “dar ao luxo”, de ambicionar, que esta condição tenha de estar identificada imediatamente com princípios de liberdade “completa” e com a livre escolha em modelos inspirados essencialmente no desenvolvimento europeu ou norte-americano. Há outras formas de governação no mundo que geram a anuência de milhões de pessoas, há outras formas de juntar e de organizar grupos sociais que causam aceitação, compreensão e aderência a ideologias ou religiões que outros consideram, por vezes arrogantemente, como sendo inaceitáveis. O problema reside em encontrar o equilíbrio entre o impositivo e o tolerável, entre o regionalmente diferente e o profundamente atentatório aos valores humanistas. A solução está em compreender e entender diferentes quadros culturais sem tentar impor, cegamente, modelos desenhados e desenvolvidos em contextos muito distintos, ou seja, é substituir a palavra “expandir” pela ação de “ajudar e apoiar” o que as populações pedem e reclamam.

São equações muito complexas que requerem muita humildade de quem se julga na capacidade de impor modelos. São formulações que exigem muito diálogo por quem vive em zonas visadas e construídas em ambientes societários muito diferenciados. Ao contrário do fim da História, como nos falava Fukuyama, caminhamos, desejavelmente, para um reequilibrar civilizacional entre vários modelos políticos e societários, ou pelo menos a um sentimento de equivalência entre todos, que têm de ser analisados sem arrogâncias e sem julgamentos apressados sob o risco de se continuar a criar certezas relativas entre, quem pensa e age de uma determinada forma, sobre quem vive de forma diferente.

O peso das motivações, das causas, das ideologias e das religiões não pode ser confundido com a intenção, que sempre houve e continuará a haver, por parte de alguns, de os manipular em proveito de políticas ou ambições regionais. Aproveitamentos e manipulações são uma constante mas não são a regra base para todas as situações e, muito menos ainda, se constituem como o principal fator, como muitos querem sempre crer, que se sobrepõem às ações e objetivos perseguidos.

O peso das causas, das ideologias e das religiões é profundamente motivador para milhões de pessoas e esta dimensão não pode ser, arrogantemente, descartada, ou simplesmente amesquinhada, como simples manipulação em face de interesses de poucos, de muitos, ou de atores exteriores que querem determinados benefícios locais. Também são relevantes mas, afirmamos claramente que são um fator estruturante, fortemente aglutinador, em especial os de índole religiosa, assentes em teologias muito bem disseminadas e estruturadas ao longo de séculos⁵ e motivador que faz movimentar milhões de pessoas em todo o mundo.

Nem tudo se pode resumir a dinheiro, a poder, a projetos de soberania ou a simples manifestações psicopáticas de líderes perturbados. Conscientes dos fatores disruptivos e potenciadores (primeira dimensão), das causas, motivações, ideologias e religiões (segunda dimensão), chegamos finalmente á materialização do fenómeno terrorista: dos grupos e das pessoas.

Pessoas, Grupos e Organizações que Podem Fazer Uso do Terrorismo

Finalmente chegamos aos utilizadores do terrorismo. Que sempre existiram, sempre foram muitos e variados e que utilizaram esta técnica como estratégia, por razões muitíssimo diferentes de acordo com a época histórica, a região, a política ou a simples motivação ideológica, incluindo a religiosa. Por isso não se pode generalizar a partir de um determinado grupo sobre o que significa ser terrorista. O que devemos tentar saber é o que move determinado grupo ou organização a escolher o uso do terrorismo para atingir as suas finalidades.

Mesmo quando o denominador que caracteriza determinados tipos de ação terrorista pareça ser parecido ou quase igual, os objetivos que perseguem são sempre distintos na forma, no alcance, no meio e no caminho para lá chegar. Se analisarmos os grupos de inspiração jihadista radical vemos, por exemplo, que as bases ideológicas da Al-Qaeda e do Daesh são praticamente idênticas mas, no terreno, a forma e a sua aplicação são muito diferentes. Por exemplo a Al-Qaeda defende uma comunidade de crentes única, com Sunitas e Xiitas, enquanto o Daesh defende a luta contra os Xiitas, ou a Al-Qaeda privilegia a ação do jihadismo global como primeiro objetivo, enquanto o Daesh pensa que o seu primeiro alvo são os governos

5 Ver, por exemplo, a expressão do neo-salafismo radical, descrito nas obras referenciadas na bibliografia.

locais, considerados corruptos e apóstatas. O que os une é tanto a motivação na expulsão dos infiéis como também a mesma teologia baseada no neo-salafismo radical mas, o que os separa, para além das duas ideias anteriores, materializa-se na forma bem diferente como atuam face aos respetivos aliados regionais nas diferentes partes do globo. Por isso vemos escolhas de técnicas e de táticas bem distintas entre, por exemplo, o Boko Haram na Nigéria e a Al-Qaeda da Península Arábica no Iémen, ou mesmo entre a Al-Nusra e o Daesh no mesmo território da Síria.

Mais difícil será tentar encontrar fatores de união entre os denominados “lobos solitários” que, suggestionados por múltiplas mensagens de ideologias radicais, se autocriam em qualquer região do planeta. Nestes casos, além das ideologias e das causas que aparentemente defendem e anunciam, teremos de somar os comportamentos sociológicos e psicológicos, frustrações a ambições pessoais, além dos projetos mais vastos, inspirados a partir de grandes redes e grupos terroristas. Teremos de ir para além do que se apregoa e tentar entender o que o(s) leva, caso a caso, a romper com os quadros culturais e sociológicos onde cresceram e a aderir a um sistema de valores completamente oposto. É necessário então ter a disponibilidade para entender o quadro desagregador social em que se vive em muitas das regiões do mundo, incluindo as supostamente mais desenvolvidas, e perceber que o que move um ser humano em se prontificar a morrer por uma causa num determinado local e circunstância poderá ser muito distinta de outro contexto, por maiores que sejam as semelhanças anunciadas. Na distância não há o espírito de grupo e a empatia pessoal, como a que se cria quando existe contacto físico, há apenas motivações comuns pelo que, na forma de ação, as diferenças serão sempre evidentes.

Mais complexa ainda é fazer a análise sobre grupos que se transformam em Estados ou Emirados – que se autodenominam sem a maioria dos restantes Estados os reconhecerem como tal –, como foi o Emirato Islâmico do Afeganistão nos anos 1990, sob o regime Talibã, ou o atual ‘Estado Islâmico’, sob dominação do Daesh. Aqui grassa a confusão entre terrorismo e a escolha por políticas ditatoriais impositivas que causam medo e terror entre os que neles vivem. São sistemas de governação que apresentam formas de governação, baseadas em assunções políticas de caráter “divino”, indiscutíveis, e que devem levar à aceitação total e completa por parte dos “bons” muçulmanos. Que lembra que um muçulmano, sem um “Califado” para servir, está órfão na causa que persegue, que um devoto que não cumpra, escrupulosamente, os mandamentos divinos, traduzidas na conduta diária ditada pela *Sharia*, é imperfeito e pecador. Não se pense que estes Estados apenas causam desconfiança e afastamento porque, muitas das suas ações são aceites e toleradas nas regiões onde se implantam, são autodenominados Estados que apresentam resultados profundamente visíveis em áreas sensíveis e populares, como na gestão das desigualdades, ou seja, que incluem pobres e ricos sob o mesmo regime, que garantem, como obrigação sagrada, o acesso livre e gratuito à saúde, à educação – não

livre, mas de acordo com os preceitos corânicos –, ao apoio social, a uma justiça implacável e imediata, e mesmo a uma sobrevivência base – através de uma prática de caridade e redistribuição de alimentos básicos. São soluções transversais que, muitos mais do que imaginamos aderem, porque transportam consigo, ao lado de uma gestão violentíssima e brutal da autoridade, supostamente de inspiração divina, a imagem de uma preocupação solidária e igualitária entre todos.

Em suma, uma coisa é a dimensão social e geopolítica que possibilita o aparecimento de um comportamento terrorista, outra é a dimensão das motivações e ideologias que enquadram as opções anunciadas e, finalmente, apenas com um estudo profundo, sobre o que faz mover um terrorista ou um determinado grupo terrorista, é que poderemos entender se a causa corresponde a um desejo ou a uma a uma mesquinha manipulação, a uma escolha ou a um ato forçado, a uma opção deliberada ou a uma percepção errada dos objetivos, a uma luta ideológica ou uma simples tentativa de conquista de poder, de território ou de recursos. Não se pode, não se deve, não se consegue, generalizar o que é não é nem geral, nem global, nem universal.

Uma Reflexão entre Dimensões

A ordem com que apresentámos as dimensões de análise correspondem à prioridade dos pesos relativos de cada uma delas. A primeira dimensão, a dos fatores disruptivos e potenciadores é o verdadeiro e o grande problema base. Talvez muitos ainda não se tenham apercebido, talvez ainda seja difícil de comprovar da verdadeira gravidade do mesmo mas, parece bastante consensual, que muitas das análises sobre conflitos e tensões no mundo, se baseiam nesta novidade global, e que resulta de um aumento das populações em simultâneo com as alterações climáticas. É verdade que nem sempre se faz a ligação entre esta dimensão e a emergência de fenómenos terroristas mas começa a parecer mais evidente, a cada dia que passa, que as condições de vida onde os fenómenos nascem estão cada vez mais conectadas com o grau de adesão que conseguem obter. Daí a enorme importância que tem esta dimensão sobre todas as restantes, sendo esta a fonte, o multiplicador e o exponenciador dos fatores que permitem o espalhar de ideologias radicais e violentas e o crescimento de grupos a elas associados.

Sem retirar importância à primeira dimensão também pensamos que está amplamente demonstrado que, por detrás das intenções anunciadas de um grupo ou de um “lobo solitário”, há sempre outros objetivos que se somam ou, mais grave, de que se servem, para serem atingidos. As ideologias e as religiões podem e sempre foram usadas como arremesso de interesses políticos ou circunstanciais, almejados pelos próprios ou manipulados, influenciados e apoiados por fora, de acordo, também, com a inevitável dimensão dos interesses. Por isso, desde um simples “Lobo Solitário” aos complexos e autodenominados Califados, Estados ou Emirados, tere-

mos de somar à análise dos objetivos regionais e políticos de cada um, as ideologias base que anunciam e efetivamente defendem. A dimensão da ação de um determinado grupo implica conhecer o contexto histórico, cultural, regional e local em que se desenvolve, as divisões e complexas redes étnicas e sociais. Mesmo quando analisamos uma determinada rede “terrorista” como a Al-Qaeda teremos de saber ler, de forma separada, a ação do pensamento central, da forma muito distinta do que faz cada uma das suas afiliadas. Neste caso, da Al-Qaeda, o peso das ambições de cada filial é ainda mais importante porque a estrutura central do grupo não tem, nem meios nem recursos, para distribuir e para afetar cada afiliado. Recorre-se por isso a um estudo, caso a caso, afiliado a afiliado, apoio externo por apoio externo, por financiamento direto e indireto, e sobre o que cada um transporta de interesses exteriores, interiores e dispersos.

Então ficamos com a segunda dimensão para aprofundar mais. É a segunda dimensão, a dos sistemas de valores, a das motivações, que mais traduz a novidade dos últimos tempos. Porque embora sempre presente também sempre foi a mais “descartada” em termos das explicações sobre o fenómeno terrorista. No passado, a cada atentado terrorista, buscava-se imediatamente “os que estavam por detrás”, se eram as grandes superpotências em disputa ou se eram as teias de cadeias multinacionais sequiosas por lucros que buscavam, no caos e na desordem, oportunidade para expandirem mercados, produtos, ou simplesmente, prevenirem o crescimento de concorrências adversas. Foi, ainda é, o tempo em que tudo era híper realista, ou seja, nada ocorria sem ter interesses fortíssimos por detrás, fossem eles de caráter político, do lucro ou de simples travagem de futuros concorrentes de mercado. Sem repetir argumentos, afirmamos que esta simplificação, que transforma todas as visões em agentes usados e manipulados por outros, viciou uma análise mais matricial das verdadeiras dimensões das várias ameaças. Em suma, sempre existiram e existem, também, motivações e interesses, lucros e ambições pessoais, locais e regionais mas, a força das motivações e das ideologias pode ser, nalguns casos sê-lo-á certamente, maior do que a força da geopolítica.

As pessoas não aderem a causas extremas por simples caprichos da geopolítica ou dos interesses comerciais de determinados grupos. O número dos desesperados que podem ser manipulados ou levados ao engano, e de se deixarem morrer, pressionados ou não, são sempre, em extensão e redes, limitados no tempo e nas adesões. O que explica a aderência de tantos, milhares, dispostos a lutar, a sofrer, a deixarem-se morrer por causas é, para além dos poucos que se deixam levar por manipulações ou forçamentos, a crença num sistema de valores diferentes, em causas que partilham e apoiam, na certeza que os valores em que vivem não lhes resolve o que ambicionam para si e para o futuro dos seus.

Teremos de rever o sistema de valores, a organização política em que nos incluímos, para saber determinar o que causa, crescentemente, tantos desapegados às socieda-

des que criámos. Temos de analisar, caso a caso, país a país, dos que nos estão mais próximos para os que se encontram mais afastados em sistema de valores tão diferentes, o que leva tantos, cada vez mais, a não se identificarem com os espaços que habitam, a declararem que não estão dispostos a sacrificar a vida na defesa dos seus países, a mostrarem completa indiferença sobre os destinos e a forma como se governam os países que habitam.

Depois teremos de analisar, sempre caso a caso, as motivações, as ideologias e as versões das religiões que são oferecidas a milhões de pessoas como alternativa ao sistema social onde vivem. Tentar entender porque se sacrifica liberdade em nome de uma maior distribuição de riqueza ou por uma aplicação (de uma suposta) justiça mais imediata e eficaz, como é o exemplo público da *Sharia*. Não se pode ignorar que as pessoas fazem escolhas em função do que querem para si e para os seus, ou seja, para a família que constroem. Não se pode admitir, por isso, que tantos, milhares, se deixem enganar por simples ambições conjunturais e específicas.

Há códigos, há valorações sociais que se tornam apelativas para que se encontrem tantos a aderir a formas muito alternativas de viver e de estar em sociedade. Muitos o fazem porque o escolhem fazer, muitos mais o farão porque não se querem afirmar em concordância ou discordância, outros tantos poderão recusar o quadro que lhe oferecem, muitos apenas o aceitam, na defesa da sua família e da sua estabilidade. Está na natureza humana, faz parte do instinto de sobrevivência, de simples acomodação e indiferença, ou de um sentimento humilde na proteção sobre a família. Estas motivações, que alguns considerarão mundanas, andam sempre a par, quando não se sobrepõem por vezes, à escolha consciente de princípios e valores. Basta recordar que a história, também nos ensinou que, embora a maioria dos alemães não fossem nazis, tivessem aceitado viver naquelas condições, tal como os russos sob o sistema estalinista, ou os cambojanos sob o regime de Pol Pot. A adesão consciente, por identificação com as causas, ou a aceitação conivente por razões circunstanciais, a verdade é que sempre houve ideias que hoje consideramos absurdas, que formaram a base de sistemas complexos políticos e levaram ao caos e à imposição de sistemas de valores sobre milhões de pessoas em muitas regiões do mundo.

A força das ideologias e religiões é muito mais forte quando o quadro de referência onde se vive se deteriora e não representa quem o habita. É ainda mais apelativo quando vários fatores estranhos – como os da dimensão climática e demográfica – exponenciam a perceção da desagregação. Tem de se encontrar, por isso, formas muito concretas de contra-argumentar sobre as ideologias que alimentam o terrorismo e, simultaneamente, entender os principais fatores que afetam os sistemas de valores em que muitos se deixaram de rever. É uma ação em dois tempos que requer a colaboração de todos, os que usam a mesma base ideológica, mas com formas muito diferentes na sua aplicação, ou seja, entre e dentro da política,

entre e dentro das variadas religiões, entre e dentro dos grandes blocos regionais e globais.

Poderá até resultar em equilíbrio, afinal também essa é uma tendência humana, e mudar radicalmente de sistemas que parecem inaceitáveis para depois “recuarem” para sistemas minimamente aceitáveis e convergentes com patamares exequíveis de diálogo. O que não podemos mais fazer é, deliberadamente, ignorar que há um fortíssimo choque de valores, que existem *hodiernos Cavaleiros do Apocalipse* que transportam e arrastam novas dimensões da desagregação, e que esta importantíssima dimensão, a dos valores, se constitui numa base cada vez mais premente e estruturada, a partir de onde se alimentam muitos dos inúmeros grupos terroristas.

Referências Bibliográficas

- Pires, N. L., 2016a. Combate aos Jihadistas Radicais: Quando um Mau Diagnóstico Provoca Soluções Incompletas. *Revista Militar*, Vol. 68, nº 2/3, pp. 163-180.
- Pires, N. L., 2016b. Das Ameaças e Riscos Intangíveis aos Estados Frágeis e às Guerras Civis, in João Vieira Borges e Teresa Ferreira Rodrigues (Coord.), *Ameaças e Riscos Transnacionais no Novo Mundo Global*. Porto: Fronteira do Caos, pp. 153-174.
- Pires, N. L., 2016c. *Resposta ao Jihadismo Radical: Políticas e Estratégias para vencer grupos como a Al-Qaeda ou o Daesh*. Lisboa: Nexo.
- Pires, N. L., 2015a. *Cidadania e Conflitualidade*. Publicado na Academia das Ciências, Lisboa. Disponível em <http://www.acad-ciencias.pt/wordpress/livraria-2/>.
- Pires, N. L., 2015b. As Forças Armadas e o Terrorismo Internacional. *Segurança & Defesa* nº 31, pp. 08-14.
- Pires, N. L., 2013. Portugal, os Estados Unidos da América e as Guerras do Século XXI. *Nação e Defesa* nº 135, pp. 134-152.
- Pires, N. L., 2012a. Terrorismo: uma Tecnologia ‘off the shelf’. *Dragões d’Entre Douro e Minho do Regimento de Cavalaria* nº 6, pp. 46-49.
- Pires, N. L., 2012b. Terrorismo: Uma ameaça Perene. *Revista Militar*, Vol. 64, nº 6/7, pp. 663-680. Disponível em http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=714.
- Telo, A. J. e Pires, N. L., 2013. *Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação 1973-2013*. Cascais: Tribuna da História.